

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV—Número 1.225

Quinta-feira 23 de Novembro de 1922

PREÇO—10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º—Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhadas-Lisboa—Telefones 5339-2

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A COTA CONFEDERAL

Mais uma vez—e nunca será demais debater este importante assunto—A Batalha vem lembrar ao proletariado consciente que, para bem da Organização Operária, cujo desenvolvimento se afirma de dia para dia, a conveniência em aumentar a cota confederal.

Já por várias vezes, neste mesmo lugar, esclarecemos os nossos leitores acerca da urgência deste aumento. A Confederação Geral do Trabalho para viver, para exercer a alta missão a que se destina, necessita de maiores fundos.

E' da cota confederal que saem todas as suas despesas de propaganda, administração, etc. E' ainda dessa cota que A Batalha tem de viver, em parte. A Batalha é, neste momento em que enormes despesas a sobrecarregam, um sorvedouro de dinheiro. Para manter a pé a Confederação Geral do Trabalho que vive apenas do esforço dos trabalhadores, vê-se obrigada a resumir todas as outras despesas a pontos de pôr em risco a sua missão de propaganda que tem de ser permanente e enérgica.

Esta situação é, pois, insustentável. Se A Batalha é absolutamente necessária para defender os mais caros interesses morais e materiais do povo trabalhador, não menos importante é a necessidade de uma constante propaganda sindicalista que há de agrupar, unir os escravos de hoje para conquistar a liberdade de amanhã.

A compreensão destas necessidades acima-enumeradas só pode levar o proletariado a natural conclusão de que sem dinheiro é impossível fazer trabalho revolucionário consistente.

Madelon

O olhar vivo, as formas elegantes e ágeis, o andar leve e gracioso, Madelon era para o regimento o que a beleza é para o cavaleiro. Sempre ali perto do cavaleiro a alegria exuberante que fazia esquecer as horas amargas e sangrentas. Nunca lhe conhecera um namorado, nem a menor sombra de bêguin. Livre nos gestos, encantadora no trato, ela distribuía por todos as suas palavras maliciosas e ternas como a todos amasse e a nenhum pertencesse.

Um caporal, um pouco enfatuado e orgulhoso, obteve um dia em conquistá-la. Entre risos—rir, rir era todo o mal que ela fazia—desenganou-o, coitado, fez-lhe compreender que não podia pertencer a um só homem, porque sua graça, sua mocidade e seu encanto, pertenciam já a todo o regimento, a esses polius meio ingênuos que a guerra arrancara à calma de seus lares para sacrificá-los em holocausto a esse monstro cruel e misterioso, insaciável de sangue e dor—a pátria.

Uma tarde, quando a soldadesca, fugida à neve frigidíssima, se acochegava ruidosamente às mesas do cabaret, entoando canções estranhas—misto de alegria e dor—em que o nome de Madelon, ressoava mais alto numa homenagem original prestada à sua beleza, a notícia duma derrota estabeleceu de súbito um silêncio de morte no ambiente morno. Tinha perecido muita gente. Entre os aniquilados para sempre figurava esse caporal orgulhoso e enfatuado. Nos olhos sempre ridentes de Madelon brilhou uma lágrima, a primeira lágrima que os soldados lhe viram.

Um poliu, porém, levantando-se comovido, murmurou-lhe num sussurro:—Não chores, doida... Tens ali todo um regimento. Escolhe...

Mário DOMINGUES

VER NA 3.ª PÁGINA: Trabalho

NO TEATRO DE S. BENTO A LEI DO INQUILINATO

Um projecto do sr. Pedro Pita que tapa algumas portas falsas aos senhorios—Carvalho da Silva chora lágrimas de corcodilo, António Maia insulta os trabalhadores!

Ontem a Câmara dos Deputados discutiu uma boa parte do seu tempo a discutir o caso da bomba lançada na Igreja do Socorro. Por fim lá se iniciou a discussão sobre qualquer coisa de útil.

O deputado sr. Pedro Pita apresentou um projecto acerca da lei do inquilinato que vem tapar algumas portas falsas desta última por onde os senhorios pretendiam escapar-se.

Segundo a doutrina desse projecto—que foi aprovado na generalidade—só é permitido aos proprietários de prédios urbanos elevar as respectivas rendas, quanto a cada arrendatário, nos termos seguintes:

Se os prédios estiverem inscritos na matriz anteriormente a 21 de Novembro de 1914; se o prédio ou parte do prédio estiver servindo a habitação, até à quantia que represente o produto do rendimento líquido, constante da matriz predial naquela data, pelo coeficiente 2,5; se o prédio estiver servindo a estabelecimentos comerciais e pela quantia da mesma matriz pelo coeficiente 3,5; se estiverem inscritos na matriz predial depois de 21 de Novembro de 1914 até 17 de Abril de 1919. Quando a inscrição na matriz tenha sido feita anteriormente a 21 de Novembro de 1914 o coeficiente será de 2,5; quando tenha sido feita depois daquela data o coeficiente é de 1,5.

Notas e Comentários

A lista de mortes

Os jornais noticiaram ter sido atropelado por um automóvel, na rua de Santa Marta um indivíduo de nome Júlio Cruz, tipógrafo, o qual teve morte instantânea. A morte dum indivíduo, no tempo corrente não causa admiração. Quando não se morre atropelado, morre-se envenenado, pelo pó, pelos germes pútridos que são vendidos ou pelas autoridades da república.

O que causou certo mistério e receio foi o encontro suspeito nas algibeiras do morto duma lista de nomes de altas personagens que estavam condenadas a morte por certo grupo.

Afinal veio a apurar-se que a célebre lista continha os nomes dos indivíduos que seriam "condenados" a matar a fome ao desagrado que morreu.

Mussolini, o libertador...

A França, como se sabe, tem seguido em política internacional uma orientação reaccionária. Por isso Mussolini, o reaccionário dos reaccionários—se solidarizou na conferência de Lausana com a política dos franceses. Pretende fazer uma "entente" reaccionária, económica e militar da Itália, França, Inglaterra e Bélgica contra a Alemanha e a Rússia. Se o seu critério triunfar é possível que Mussolini, o conservador, consiga provocar para breve uma revolução extrema que alastre por toda a Europa. Então diremos nós, os avançados:—Salve Mussolini, o libertador!

Justiça

Há tempos na azinhaga da Fozte apareceu um homem assassinado, que se chamava Francisco Manita. A polícia procurou assiduamente o autor do crime e nunca o descobriu. Os meses passaram e o caso esqueceu. Ontem de manhã um homem apresentou-se no governo civil para que o prendessem. Era Luís Jorge, o que matara o Manita. Porque matou ele? Por miséria segundo se depreende das suas declarações. Porque se apresentou à prisão? Por remorso. Eis duas razões de peso formidáveis que deveriam ditar a sua absolvição.

Boa ideia!

O governador civil acaba de adquirir 200 lâmpadas eléctricas, para serem distribuídas aos civicos que tiverem de fazer serviços em sitios onde escasseia a "bela iluminação da Companhia", afim de que a acção da polícia seja mais eficaz e não venha a sofrer qualquer agressão.

Boa ideia! Teremos polícias iluminadas, à laia de guarda-noturnos!

Bom seria que o governador civil, no intuito de bem servir a população lhes

Visita a uma escola

O ministro da instrução, acompanhado do chefe do seu gabinete e dos seus secretários, visitou no domingo, oficialmente, a escola primária de ensino geral de Píafes, concelho da Ponte de Lima, ficando excelentemente impressionado.

Houve ali uma animada festa para inauguração dos retratos do ministro e do sr. Afonso Costa.

Os professores entregaram ao sr. Augusto Nobre uma afectuosa mensagem. E assim que se desenvolve a instrução no país...

do a inscrição na matriz tenha sido feita anteriormente a 21 de Novembro de 1914 o coeficiente será de 2,5; quando tenha sido feita depois daquela data o coeficiente é de 1,5.

Assim, diz o artigo 2.º do referido projecto: fica interpretado no que respeita a aumento de rendas o artigo 25.º da lei 1368 de 21 de Setembro último e também no que respeita a aumento de rendas, segundo os artigos 106.º, 107.º, 108.º e 115.º do decreto 5411 de 17 de Abril de 1919.

Este projecto provocou da parte do sr. Carvalho da Silva muitas lágrimas de corcodilo. Chegou o referido deputado monárquico a dizer que a lei iria agravar a carestia da vida, num desrespeito pela situação grave que o país atravessava.

Parece que o país são os senhorios. O deputado e aviador António Maia também se distinguia nos protestos e na defesa dos senhorios.

—Os trabalhadores—afirmou—estão em melhores condições para pagar as rendas que os senhorios para satisfazer os impostos.

Pobres senhorios! Quando se resolverem eles a trabalhar, para passarem a vida reglada dos trabalhadores?...

OS AVIADORES

O dr. sr. Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa, convidou ontem o ministro da instrução para assistir, na próxima terça-feira, 28, a cerimónia do doutoramento em sciências honoris causa dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

A "garotada"

O Diário de Lisboa de ontem, referindo-se aos desastres que se dão continuamente devido à "garotada" que se suspende nos carros eléctricos quando em andamento, tem esta tirada:

—Não se poderá, por exemplo, responsabilizar os pais, lançando-lhes uma pequena multa, pelo desleixo em que deixam os seus filhos expostos a tais perigos?

Achamos pouco; era talvez preferível proibir o trânsito de menores pela via pública.

"Cruzada Nacional"

Recebemos ontem da mão do capitão sr. Afonso de Miranda, a revista "Cruzada Nacional", cujo conteúdo, desde a "garotada" que representa uma figura de mulher vestida de guerreiro a quem chamam Nun'Alvares—até a última página, briga com os nossos princípios. Este facto não impede que lealmente registemos a boa redacção e a apresentação da nova publicação, órgão da Cruzada Nacional D. Nun'Alvares Pereira.

CRÓNICA DE HAMON

A revolução revolucionária aberta pela declaração de guerra do Kaiser ao Czar em Agosto de 1914 não encerrou a revolução russa.

Esta foi quando muito um primeiro acto da comédia humana contemporânea.

Por momentos pareceu que a revolução alemã ia ser o segundo acto. Mas a pusillanidade dos "leaders" operários deteve prontamente o impulso popular e quebrou por alguns anos o vóto revolucionário.

Os capitalistas registaram-se. Por toda a parte se julgaram vencedores. A revolução húngara estava jugulada. A Polónia, a Austria, a Tcheco-Slováquia mantinham-se tranquilas. A França, a Inglaterra, a Itália não se moviam.

Mas eis que um espectro surge a perturbar a festa! A revolução turca! Pois é na verdade uma revolução, e até uma grande revolução, tão grande como a oficial da Revolução russa.

E' uma revolução, porque o poder temporal passa das mãos de um sultão para as mãos duma assembleia de deputados dos povos, porque o poder espiritual é separado do poder temporal.

E' uma revolução, porque o governo turco se liberta do jugo ocidental porque entende ser livre em sua casa e só o poderá ser com a condição de se apoiar nas massas populares turcas, isto é, com a condição de fazer uma política interna democrática, favorável aos

PREPARANDO FUTURO A Escola de Militantes

Será hoje inaugurada, com uma palestra do secretário geral da C. G. T. Uma carta e uma oferta interessante do pintor Leitão de Barros

E' hoje, conforme anunciámos, que se realiza a abertura da Escola de Militantes do Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa.

A iniciativa dos jovens operários está sendo vista, não só pelo operariado como até por muitas pessoas que, não sendo propriamente operários, nem militando nas nossas fileiras entendem que a natural inclinação que esses rapazes estão mostrando para o estudo se deve corresponder dando-lhes toda a assistência moral e material de que necessitam.

Um professor bastante categorizado no meio intelectual, dizia-nos ontem, a propósito do editorial que publicámos sobre o assunto:

—Se houvesse neste país um governo inteligente que olhasse pelo desenvolvimento intelectual do povo, ele saberia fornecer a esses jovens professores que pudessem satisfazer a sua curiosidade e a sua justa ânsia de saber.

O camarada Santos Arranha, secretário geral da C. G. T., fará, pelas 20 horas, uma palestra acerca da missão das escolas militantes. A escola funciona na calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Do nosso camarada Mario Domingues, editor do *Despertar*, órgão das Juventudes Sindicalistas, dirigiu o seguinte:

Na fotografia Bobone, ali ao Chiado, abriu há dias uma exposição de pinturas dos sr. Mário Reis, Varela Aldemira e Mário Santos. São ontem os nossos afazeres nos permitiram visitá-la. Só ontem tivemos a satisfação de notar que o sr. Varela Aldemira na longa, na curta, na conspurcada, estrada artística que terá a percorrer, deu, pelo menos, um passo em frente.

Eram sobretudo os trabalhos do sr. Aldemira que nos interessavam, porque ele não ficara contente com a nossa opinião quando, há tempos, naquele mesmo salão Bobone expôs—iamos a dizer os mesmos quadros—alguns trabalhos muito parecidos com os de agora. Queríamos agradecer-lhe desta vez, porquanto não pede o nosso intuito que as nossas palavras molestem seja quem for. O sr. Varela não nos interessou, os seus quadros não nos interessam, se o descontentamento nos invade quando nos encontramos na presença de alguns dos seus trabalhos, não significa que outro tanto aconteça perante o autor, que hoje nos é indiferente, mas que amanhã poderá ser nosso amigo.

Varela Aldemira ressentia-se ainda da influência de seu mestre, o sr. Columbano Bordalo Pinheiro. A técnica e o colorido de Columbano são para o sr. Varela uma tara de que pretende libertar-se, contra à qual se revolta, contra certos doentes se indignam contra uma doença crónica que os atormenta.

Se lamentamos esta influência poderosa do mestre, registamos com prazer os esforços do discípulo para libertar-se. Na paisagem, embora o ambiente sombrio, pesado, seja na pintura do sr. Varela, um desmancha-prazeres, presente-se o esforço colossal que ele emprega para alcançar clareza e cor.

O sr. Aldemira é duma infelicidade extrema nos quadros de composição. *José manda parar o sol* não tem a grandeza que o assunto requer. A figura no primeiro plano, com os pés muito compridos, provoca o riso; a multidão de guerreiros, dá a ideia de bonequinhos de papelão. A *Samaritana* é infeliz, é desagastada e encontra-se numa posição desastrosa que lhe entorta as pernas e lhe contorce o corpo. O ambiente que deveria ser oriental e misterioso não é sentido—lembra um trecho do jardim da Estrela.

Limitamo-nos a apontar, muito ao leve estes defeitos que o sr. Varela, que se mostra trabalhador e tenaz, corrigirá com o tempo. Mas muito, muito tem que fazer ainda para conseguir integrar-se como artista, dentro da sua época.

Mário Reis e Mário Santos têm alguns trabalhos que denotam certa espontaneidade, mas não merecem por enquanto que longo espaço gastemos com eles. Progredam e apareçam...

Tráfico de brancas

Segundo notificação feita ao governo francês pelo governo da Polónia, em nome da cidade livre de Dantzic e transmitida ao ministério dos negócios estrangeiros, nos termos da convenção internacional para repressão do tráfico de brancas, foi adoptado para a transmissão de cartas rogatórias relativas às infracções previstas na mesma convenção a comunicação directa entre as autoridades judiciais de Dantzic e as dos demais países contratantes.

Os jesuítas exultaram. A sua política obtinha em parte sucesso na Polónia e na Asia Menor. O governo francês negociava com Kemal Pachá. A Grã-Bretanha estava isolada. Hurrah!

Ah! foi forçoso desmentir! Mouslapha Kemal e a Assembleia Nacional pretendiam dirigir os negócios turcos e não fazermos o jogo dos capitalistas jesuítas franceses contra os capitalistas protestantes britânicos. E por este motivo decretaram a queda do Sultão e criaram uma república turca. Em seguida anunciavam as suas intenções de suprimir as capitulações, de pôr em liberdade o Ocidente uma barreira aduaneira, de possuírem os territórios povoados na sua maioria pelos turcos tanto na Asia como na Europa; de serem os únicos proprietários das riquezas mineiras do seu país, etc.

Então a desolação da desolação no "clan" francês e de súbito uma reviravolta na sua política.

hecho professor, sr. Leitão de Barros, uma carta interessante pela qual se verifica o interesse que a este artista está interessando a Escola de Militantes.

Eis o conteúdo da carta:

«Men caro Mário Domingues: Ai vai um exemplar dos *Elementos de História de Arte* que lhe peço para, em meu nome, oferecer à Escola de Militantes das Juventudes Sindicalistas.

Você sabe há quanto tempo o movimento da organização consciente do proletariado me interessa, e hoje, mais do que nunca, me atrai.

Ao trabalho de procurar um ambiente de cultura na massa operária estou disposto a dedicar o pouco tempo de que materialmente disponho; queira v. oferecer com esse livro a minha boa vontade.

Há tanta coisa interessante a fazer! Creio-me o seu camarada, etc., —Leitão de Barros,

O livro de que o signatário desta carta é o autor e que teve a gentileza de oferecer às Juventudes Sindicalistas é dos mais interessantes no género e muito poderá contribuir para o esclarecimento dos jovens em matéria de arte.

Aguardamos para a Escola de Militantes uma vida brilhante e útil para o proletariado.

A arte e os artistas

A exposição de Mário Reis, Varela Aldemira e Mário Santos no Salão Bobone

Na fotografia Bobone, ali ao Chiado, abriu há dias uma exposição de pinturas dos sr. Mário Reis, Varela Aldemira e Mário Santos. São ontem os nossos afazeres nos permitiram visitá-la. Só ontem tivemos a satisfação de notar que o sr. Varela Aldemira na longa, na curta, na conspurcada, estrada artística que terá a percorrer, deu, pelo menos, um passo em frente.

Eram sobretudo os trabalhos do sr. Aldemira que nos interessavam, porque ele não ficara contente com a nossa opinião quando, há tempos, naquele mesmo salão Bobone expôs—iamos a dizer os mesmos quadros—alguns trabalhos muito parecidos com os de agora. Queríamos agradecer-lhe desta vez, porquanto não pede o nosso intuito que as nossas palavras molestem seja quem for. O sr. Varela não nos interessou, os seus quadros não nos interessam, se o descontentamento nos invade quando nos encontramos na presença de alguns dos seus trabalhos, não significa que outro tanto aconteça perante o autor, que hoje nos é indiferente, mas que amanhã poderá ser nosso amigo.

Varela Aldemira ressentia-se ainda da influência de seu mestre, o sr. Columbano Bordalo Pinheiro. A técnica e o colorido de Columbano são para o sr. Varela uma tara de que pretende libertar-se, contra à qual se revolta, contra certos doentes se indignam contra uma doença crónica que os atormenta.

Se lamentamos esta influência poderosa do mestre, registamos com prazer os esforços do discípulo para libertar-se. Na paisagem, embora o ambiente sombrio, pesado, seja na pintura do sr. Varela, um desmancha-prazeres, presente-se o esforço colossal que ele emprega para alcançar clareza e cor.

O sr. Aldemira é duma infelicidade extrema nos quadros de composição. *José manda parar o sol* não tem a grandeza que o assunto requer. A figura no primeiro plano, com os pés muito compridos, provoca o riso; a multidão de guerreiros, dá a ideia de bonequinhos de papelão. A *Samaritana* é infeliz, é desagastada e encontra-se numa posição desastrosa que lhe entorta as pernas e lhe contorce o corpo. O ambiente que deveria ser oriental e misterioso não é sentido—lembra um trecho do jardim da Estrela.

Tráfico de brancas

Segundo notificação feita ao governo francês pelo governo da Polónia, em nome da cidade livre de Dantzic e transmitida ao ministério dos negócios estrangeiros, nos termos da convenção internacional para repressão do tráfico de brancas, foi adoptado para a transmissão de cartas rogatórias relativas às infracções previstas na mesma convenção a comunicação directa entre as autoridades judiciais de Dantzic e as dos demais países contratantes.

Os jesuítas exultaram. A sua política obtinha em parte sucesso na Polónia e na Asia Menor. O governo francês negociava com Kemal Pachá. A Grã-Bretanha estava isolada. Hurrah!

Ah! foi forçoso desmentir! Mouslapha Kemal e a Assembleia Nacional pretendiam dirigir os negócios turcos e não fazermos o jogo dos capitalistas jesuítas franceses contra os capitalistas protestantes britânicos. E por este motivo decretaram a queda do Sultão e criaram uma república turca. Em seguida anunciavam as suas intenções de suprimir as capitulações, de pôr em liberdade o Ocidente uma barreira aduaneira, de possuírem os territórios povoados na sua maioria pelos turcos tanto na Asia como na Europa; de serem os únicos proprietários das riquezas mineiras do seu país, etc.

Então a desolação da desolação no "clan" francês e de súbito uma reviravolta na sua política.

O deputado-aviador António Maia declarou ontem, no Teatro de S. Bento, que os trabalhadores podiam melhor pagar as rendas caras que os senhorios pagar os impostos.

Devem ser efeitos de ver as coisas por entre nuvens...

A GREVE DE SETUBAL Administrador algoz

Liberdade condicional e condições degradantes

A greve dos operários das fábricas de conservas de Setúbal prossegue com energia e prosseguem as arbitrárias perseguições do administrador do concelho que, saltando por cima das leis da república, tomou uma atitude de manifestação parcialidade que pode provocar algum gesto de revolta de graves consequências.

Não podendo por mais tempo reter na cadeia aqueles camaradas que havia mandado prender há dias, porque nada existia contra eles, soltou-os. Porém, impôs-lhes condições revoltantes que nenhuma lei do país permite que se imponham. A uns disse-lhes que os proibia de frequentar as reuniões das suas classes e que ou saíam de Setúbal ou a ficar ali, não deveriam sair de casa durante a noite; a outros recomendou-lhes que se não influenciassem nas suas classes a fim destas regressarem ao trabalho novamente o mandaria prender.

Isto é estúpido! E' revoltante! Se amanhã um indivíduo mais exaltado, perante tam infame atitude do administrador cometer qualquer acto violento, a quem devemos pedir responsabilidades, sobre quem devemos lançar as culpas?

O administrador do concelho é hoje, com o seu procedimento provocante, a causa única do estado de anormalidade em que se encontra Setúbal. Se os industriais julgam ter nele uma defesa, estão arranjados. Ele apenas semeou o ódio e quem semeia ódios, colhe tempestades. E as tempestades, quem mais sofrerá, são os que têm algo a perder os industriais. Se amanhã o trabalho nas fábricas for tam mal executado—devido à má vontade com que for feito—que chegue a prejudicar o crédito das fábricas, a quem exigirão contas os industriais? Aos operários? Deverão exigir-las ao administrador do concelho que pretende arrastar os operários para atitudes que eles nunca quiseram tomar.

Oxalá os rancores agora provocados não tenham explosões violentas e lamentáveis. Está ou não do administrador evolutiva, mudando de procedimento e colocando-se no lugar de imparcialidade que nestas questões pertence às autoridades.

MINEIROS DE ALJUSTREL COMEÇAM AS PERSEGUIÇÕES

Foram encerrados os sindicatos e presos alguns camaradas

Alguém se lembrou—decreto notuíto de comprometer uma greve que se tem imposto pela sua serenidade e grandeza—de fazer explodir numa cerca do director das minas do Aljustrel alguns cartuchos de pólvora, cuja explosão não causou desastres a lamentar.

Estamos convencidos que este maneio partiu do alguém que teria vontade de arranjar pretexto para que perseguições se fizessem contra os grevistas.

Realmente assim aconteceu. Parece que as autoridades estavam à espera desse sinal para cometer alguns revoltantes atentados contra a liberdade dos grevistas. A guarda fez evoluções. Os sindicatos foram encerrados e alguns camaradas encontram-se já enclausurados.

Esta notícia, temos a certeza, vai causar indignação em todo o país. Não se pode consentir que os operários estejam pagando por actos praticados sabe-se lá por quem.

Uma festa no Poço do Bispo

No próximo domingo realiza-se uma grande festa na Secção Metalúrgica do Poço do Bispo, em benefício dos mineiros e metalúrgicos de Aljustrel.

A essa festa, que deve iniciar-se às 14 horas, devem assistir as crianças filhas dos grevistas, que se encontram em Lisboa, pedindo a comissão organizadora aos camaradas que as tenham para ali comparecerem naquele dia e aquela hora.

Pró-mineiros de Aljustrel

Transporte, 8.994\$46. Que do Sindicato U. Metalúrgico de Portimão, 30\$00; que da Associação de Classe dos Barqueiros e Fragateiros de Porto

PORTO, 22—T.—O Sindicato Unico Metalúrgico salda o órgão dos trabalhadores e comunica a constituição de uma grande comissão metalúrgica de auxílio à Batalha.—Santos.

O delegado do procurador da república em Oliveira do Hospital, comunicou ao ministério da Justiça que se evadiu da cadeia daquela comarca, o preso Sebastião dos Santos, «O Malícia».

O delegado do procurador da república em Oliveira do Hospital, comunicou ao ministério da Justiça que se evadiu da cadeia daquela comarca, o preso Sebastião dos Santos, «O Malícia».

perceber que têm pressa em que se abra a conferência de Lausanne.

Há só um meio de desarmar os turcos e os russos, é transformar a actual e miserável Sociedade das Nações numa forte e poderosa federação, todas iguais entre si e solidárias, com o livre comércio das matérias primas e dos produtos, com a livre circulação nos mares e nos territórios sem passeaporte, sem alfândegas entre nações, um simples fronteira administrativa, como a que existe entre as províncias, ou departamentos.

Justiça e honestidade são forças bem mais poderosas que a assistência, a manha e a força bruta das armas. Aquelas por fim conseguirão sempre vencer estas.

O espectador, começa a apereber-se disto nas questões do Próximo Oriente. Há muito que o teria visto se os dirigentes tivessem sido suficientemente honestos para realizarem o que publicamente acceitaram: os 14 pontos de Wilson (o Sábio). Mas os nossos dirigentes eram loucos e parvos. E contentes com a moral do bom La Fontaine os pequenos compreendem agora que são eles que sofrem com as asneiras dos grandes. Era e é fatal. E para que o não seja torna-se necessário que os pequenos tratem dos seus próprios interesses

Augustin Hamon

Propaganda sindical

Secção dos Pintores da Construção Civil

Realiza hoje, pelas 20 horas, na sede, a primeira sessão de propaganda sindical.

Nesta primeira sessão fazem uso da palavra delegados da Federação da Construção Civil, U. S. O. e outros militantes do movimento operário, que elucidarão os trabalhadores de quanto é necessário o robustecimento e preparação da organização, para amanhã receber uma transformação da Sociedade.

A Secção dos Pintores faz convite a todos os seus componentes e todo o restante operário para assistirem a estas sessões, porque só com a sua presença demonstram o quanto se interessam pela marcha da organização social, bem como o descontentamento para com a política que por aí se tem feito, factiosa e até prejudicial às classes trabalhadoras.

Pelas colónias

Em Angola

O alto comissário de Moçambique comunicou que o Conselho Legislativo da província tinha aprovado o subsídio de oitocentos contos anuais, como a cota parte daquela província para o subsídio a conceder à Companhia Nacional de Navegação para o restabelecimento das carreiras para aquela província. O mesmo funcionário comunica que foram nomeados professores primários para as escolas daquela província, António Nascimento, António Cunha, Júlia Dantas, Maria Carvalho, Aurora Encarnação, Maria Ferreira, Guilhermina Barata e Maria Pereira e que foi montada uma estação rádio-telegráfica no vapor que faz o serviço de pilotagem e propõe para que o contador chefe da auditoria fiscal Ricardo da Costa passe a servir como adjunto do auditor.

O governo de Macau

O novo governador de Macau sr. dr. Rodrigo Rodrigues, leva como seu adjunto de campo o tenente de artilharia sr. António Augusto Lico.

O referido governador tem continuado a trabalhar com o ministro das colónias na resolução de vários e importantes problemas respeitantes àquela província, sendo alguns deles de carácter diplomático que o dr. Rodrigo Rodrigues terá ali de tratar.

Carreiras para Africa

Consta que o conselho legislativo da província de Moçambique votou já o subsídio para o restabelecimento das carreiras regulares entre a metrópole e aquela província. Esse subsídio vai além de 600 contos anuais.

Breves notícias

Foi comunicado ao alto comissário de Moçambique que foi nomeado o juiz sr. Sousa Mendes para proceder a uma rigorosa sindicância aos actos do juiz sr. Alvares em substituição do juiz sr. Piedade Rebelo.

Os srs. Maximiano José Afonso e Alfredo António Miranda, requereram a concessão de um plano inclinado em S. Vicente de Cabo Verde; foi mandado ouvir o governador da província sobre o assunto.

Quem não viu ainda o fenómeno que está trabalhando no Coliseu dos Recreios não pode avaliar das maravilhas da electricidade.

"A Comuna"

Removidas em parte as dificuldades que forçaram este paladino da Anarquia a suspender a sua publicação, volta em breve, em janeiro próximo, a reaparecer, melhorado, espalhando a boa doutrina e ensinamentos filosóficos, tam precisos neste momento de confusão e de desorientação criminoso.

A sua vida será tanto assegurada quanto maior for o interesse dos seus leitores e bons camaradas em cumprir o seu indeclinável dever.

Mingitados ou não são os seus recursos, pois foram absorvidos pela publicação de folhetos de propaganda, havendo ainda a agravar esta situação o débito de muitos camaradas, tanto ao jornal como à biblioteca.

Para que o nosso desejo seja pois, coroado de bom êxito, rogamos encarecidamente a todos os devedores, a maior brevidade na satisfação dos seus compromissos e responsabilidades, cumprindo assim o seu dever. Que todos se convençam que um jornal não vive apenas do esforço do seu grupo editor.

Toda a correspondência e registados, deve ser enviada para **A Comuna**, Apartado, 17, Porto.

Todos os pedidos de folhetos que não venham acompanhados da respectiva importância, não podem ser atendidos, isto para evitar contrariedades e perda de tempo.

A Administração

FACTOS DIVERSOS

Foram nomeados para fazer parte da comissão encarregada da reorganização dos serviços de marinha, o capitão de mar e guerra sr. Sá Pereira, capitães do fragata srs. Pereira da Silva e Marcelino Carlos e os capitães tenentes srs. Bobela da Mota e Augusto Carlos Saldanha.

Casa dos Trabalhadores

Reúne a respectiva comissão na próxima quarta-feira, 29 do corrente, para ultimar os seus trabalhos.

Vencimentos da Armada

O ministro da Marinha determinou que não sejam abonados da melhoria de vencimentos referentes aos meses de Julho, Agosto e Setembro, os oficiais e guardas-marinhas aspirantes, sargentos e praças que nesses meses receberam os seus vencimentos em moeda estrangeira.

AS GREVES

Confeiteiros e pasteleiros

Continua sem solução a greve desta classe, mantendo-se os grevistas com uma solidariedade digna de registo.

Na sua reunião de ontem foram lidos um telegrama da sua congénere do Porto, de felicitação pelo movimento e um ofício dos culinários dando o seu apoio e para que nenhum camarada que saiba da arte vá trair o movimento.

Constando que os industriais tinham reunido e nomearam uma comissão para tratar com os operários, o mesmo fará esta classe para quando eles queiram negociar, estar pronta a ir ao local que indicarem.

O operário confeiteiro grévista Arménio Pereira da Silva, enviou ao *Diário de Lisboa* uma carta que aquele jornal não publicou e da qual nos pede a sua inserção. É do seguinte teor:

Lisboa, 22 de Novembro de 1922.—Ex.º sr. redactor do *Diário de Lisboa*.—Pedia-lhe a fineza de no seu conceituado jornal publicar esta minha carta para assim esclarecer uns pequenos pontos sobre a entrevista de v. ex.º com o sr. Ferreira da Silva.

Não é meu intuito magoar ou desprestigiar a dignidade do sr. Ferreira da Silva, mas como o mesmo senhor faz declarações sobre a greve dos confeiteiros, chamamos a atenção de todos os operários da casa que disseram não ser verdade os salários estipulados pelo seu patrão.

O fôrno, diz o sr. Ferreira da Silva que ganha \$800, o que recebe são apenas \$600. O moço que ganha \$800, quando recebe \$450 e o outro percebe \$480. Já vê, sr. redactor, que para eles tirem uma fêria de \$1500, \$2'00 e \$4'00, tem que trabalhar 4 horas por dia a mais que o horário normal.

Também diz que ganham horas a dobrar, o que não é verdade, visto que na nossa classe não existem, mas sim as duas primeiras ao preço do dia e as restantes acrescidas com 50 por cento.

Diz mais que a greve foi sofismada num capricho. Não, sr. redactor, a greve foi declarada em consequência da carestia da vida, que aumentou mais de 50 por cento desde o início da nossa reclamação, em agosto findo, sem até hoje sermos atendidos.

Se é certo que há oficiais que ganham melhor, também é certo que há outros que lutam com dificuldades para se sustentarem e aos seus.

Se há moços que ganham \$450, também é certo que os há a ganharem \$250, como sucede na casa *Marin*.

Para desfazer qualquer engano, seria conveniente esclarecer que o nosso pedido de agora é o mesmo de agosto.

Agradecendo encarecidamente a publicação desta modesta e mal dirigida carta, mas sinceramente verdadeira sobre o nosso conteúdo, sou de v. ex.º, criado obrigado, *Arménio Pereira da Silva*, confeiteiro grévista.

No Porto

O pessoal da Carris

PORTO, 20.—Prossegue a mesma diversão dançar: a Companhia proclama, aos quatro ventos, a sua falência, e, portanto, a impossibilidade de dar sequer mais um oitavo galego aos seus humildes empregados. Nisto faz *finca-pé* o casmurro do Severiano. Por seu turno a Câmara Municipal, ao mesmo tempo que incita os grevistas a fazerem barulho grosso para que ela tenha pretexto suficiente para municipalizar os serviços da viação eléctrica, afirma e reafirma que a Companhia severianista tem recursos bastantes para melhorar os seus explorados. Não se sai do *dizetudo e direitudo*, o que está a irritar os empregados da Carris, que de facto, vêm-se na necessidade de pôr em prática aquela acção aconselhada pelos edis.

Como, porém, a nota do *Comité Central* dos grevistas é bem elucidativa, recomendamos a sua leitura:

O *comité* tem o inclinável dever de elucidar o público sobre o estado do conflito, à face das *démarches* que até à data se efectuaram para se conseguir solucionar este conflito, que tantos prejuízos tem causado à população, e que, pelas razões a seguir enunciadas, só podem ser atribuídas à irritante teimosia da administração da C. C. F. P. Depois das resoluções tomadas pelo Senado da Ex.ª Câmara Municipal, o qual afastou a possibilidade de autorizar aquela Companhia a aumentar, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

edilidade, a sua taxa de aluguer, por

meio duma sobretaxa, as passagens avulsas, o que afirmou publicamente, pela boca dos seus mais representativos membros, constatou-se que para a Companhia atender as reclamações do seu pessoal, não havia a necessidade de sobrecarregar o público com aumentos extraordinários, porquanto ela possui receita demais suficiente para acudir à miserável situação dos seus empregados.

E deliberou mais: Que caso o conflito se protelesse, e se agravasse, de molde a perigar a ordem pública, ela, a Câmara, está disposta a municipalizar os serviços da viação eléctrica, principiando então, mas só então, por estudar a maneira de serem atendidas as reclamações do pessoal que, segundo o seu critério, tem muita razão em reclamar, e, a Câmara, ao mesmo tempo, diz ao pessoal que não é a ela, mas sim à Companhia, que se deve dirigir, e manter-se com dignidade na luta, para a forçar a ceder.

Estamos de acordo. Porém, em face destas afirmações, que de momento nada de concreto representam, a comissão delegada dirigiu-se à administração da Companhia, para lhe expor qual a atitude da Câmara, e saber qual a sua opinião sobre o assunto. A administração, com um laconismo que significa o desprezo que vota à miséria de cerca de 1.200 famílias, que sofrem as consequências dum capricho intolerante, respondeu que a Companhia não estava habilitada a dar um centavo, que fosse, ao pessoal.

Em face das resoluções tomadas pelo Senado municipal e da irredutibilidade da Companhia, mais uma vez a comissão delegada, juntamente com os delegados da União Sindicatos Operários, foi perante o ex.º sr. governador civil expor-lhe as *démarches* efectuadas, aliás sem resultado. Terminou por declarar a s. ex.º que sempre demonstrou uma apreciável boa vontade de conciliar as partes em litígio, que declinava toda a responsabilidade na Companhia por qualquer incidente grave que a sua incorrecta atitude pudesse provocar. Porém, ao público que sofre a exploração dum companhia que lhe fornece um serviço péssimamente organizado, devemos esta explicação para que nos julgue no supremo tribunal da sua consciência: a câmara diz que a Companhia tem meios para nos satisfazer as nossas reclamações; a Companhia por seu lado afirma que não possui recursos para nos dar um centavo.

Uma última revisão de tabelas não deu à Companhia uma receita de setecentos contos, mas sim de quantia muito próxima a dois mil contos (pode-se computar esta importância, seguramente, em 1.825 contos). E de todos estes contos a Companhia impingiu ao pessoal meia dúzia de histórias, dando-lhe um aumento variável entre 30 e 70 centavos!

No entanto, também não achamos correcta a atitude da Câmara, nem que ela defenda, como devia, os interesses do público. A classe em luta, espera, pois, que se lhe faça a justiça que julga ter direito, pois que não é com salários de \$520 a \$550 — tais são os vencimentos, ainda sujeitos a vários descontos e multas — que na época actual um chefe de família pode sustentar, com honestidade, as necessidades do lar.

A classe, animada da justiça que lhe assiste, continua a afirmar a sua inabalável decisão de continuar na luta, todas as vezes maior energia, até que veja todas as suas reclamações, tanto morais como materiais, plenamente atendidas, e espera que não seja impedida pela fome a entrar no caminho que o Senado municipal lhe indicou — a violência.

Na assembleia, que decorreu com o mesmo entusiasmo das anteriores, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Manifestar a inabalável disposição de não retomar o trabalho sem que as suas reclamações sejam atendidas;

2.º — Afiramar, publicamente, que usará todos os meios ao seu alcance para conseguir ver satisfeitas as suas reclamações;

3.º — Rectificar a declaração feita pela sua comissão, ao sr. governador civil, de que torna responsável a administração da Companhia, pela sua atitude irritante, de quaisquer actos violentos que porventura venham a dar-se;

4.º — Dar conhecimento destas resoluções ao sr. governador civil e ao público.

Na assembleia, que decorreu com o mesmo entusiasmo das anteriores, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Manifestar a inabalável disposição de não retomar o trabalho sem que as suas reclamações sejam atendidas;

2.º — Afiramar, publicamente, que usará todos os meios ao seu alcance para conseguir ver satisfeitas as suas reclamações;

3.º — Rectificar a declaração feita pela sua comissão, ao sr. governador civil, de que torna responsável a administração da Companhia, pela sua atitude irritante, de quaisquer actos violentos que porventura venham a dar-se;

4.º — Dar conhecimento destas resoluções ao sr. governador civil e ao público.

Na assembleia, que decorreu com o mesmo entusiasmo das anteriores, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Manifestar a inabalável disposição de não retomar o trabalho sem que as suas reclamações sejam atendidas;

2.º — Afiramar, publicamente, que usará todos os meios ao seu alcance para conseguir ver satisfeitas as suas reclamações;

3.º — Rectificar a declaração feita pela sua comissão, ao sr. governador civil, de que torna responsável a administração da Companhia, pela sua atitude irritante, de quaisquer actos violentos que porventura venham a dar-se;

4.º — Dar conhecimento destas resoluções ao sr. governador civil e ao público.

Na assembleia, que decorreu com o mesmo entusiasmo das anteriores, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Manifestar a inabalável disposição de não retomar o trabalho sem que as suas reclamações sejam atendidas;

2.º — Afiramar, publicamente, que usará todos os meios ao seu alcance para conseguir ver satisfeitas as suas reclamações;

3.º — Rectificar a declaração feita pela sua comissão, ao sr. governador civil, de que torna responsável a administração da Companhia, pela sua atitude irritante, de quaisquer actos violentos que porventura venham a dar-se;

4.º — Dar conhecimento destas resoluções ao sr. governador civil e ao público.

Na assembleia, que decorreu com o mesmo entusiasmo das anteriores, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Manifestar a inabalável disposição de não retomar o trabalho sem que as suas reclamações sejam atendidas;

2.º — Afiramar, publicamente, que usará todos os meios ao seu alcance para conseguir ver satisfeitas as suas reclamações;

3.º — Rectificar a declaração feita pela sua comissão, ao sr. governador civil, de que torna responsável a administração da Companhia, pela sua atitude irritante, de quaisquer actos violentos que porventura venham a dar-se;

4.º — Dar conhecimento destas resoluções ao sr. governador civil e ao público.

Na assembleia, que decorreu com o mesmo entusiasmo das anteriores, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Manifestar a inabalável disposição de não retomar o trabalho sem que as suas reclamações sejam atendidas;

2.º — Afiramar, publicamente, que usará todos os meios ao seu alcance para conseguir ver satisfeitas as suas reclamações;

3.º — Rectificar a declaração feita pela sua comissão, ao sr. governador civil, de que torna responsável a administração da Companhia, pela sua atitude irritante, de quaisquer actos violentos que porventura venham a dar-se;

4.º — Dar conhecimento destas resoluções ao sr. governador civil e ao público.

Na assembleia, que decorreu com o mesmo entusiasmo das anteriores, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Manifestar a inabalável disposição de não retomar o trabalho sem que as suas reclamações sejam atendidas;

Coliseu dos Recreios

HOJE — 2 magníficos espectáculos

A'S 14,30 (2.º)

Grandiosa malinée elegante

A'S 21 horas (9 da noite)

Sensacional espectáculo

Os notáveis electro-humanos

Lanti e Melitta

O MAIOR ASSOMBRO DA ACTUALIDADE

TODAS AS NOVIDADES E ATRACÇÕES

FERROVIÁRIOS DO SUL E SUESTE

O 8.º aniversário do seu sindicato e a inauguração da "Casa dos Fer-

roviários

Como noticiamos, realizam no próximo domingo, no Barreiro, os ferroviários do Sul e Sueste, festas comemorativas do 8.º aniversário da fundação do seu Sindicato e a inauguração da "Casa dos Ferroviários".

Entre o pessoal daquelas linhas reina grande entusiasmo por estas festas, sendo de esperar que decorram com brilhantismo.

O programa é o seguinte:

A's 7 horas — Alvorada pelas bandas "Instrução e Recreio Barreirense" e "Democrática União Barreirense".

A's 11 horas — Recepção às crianças filhas dos ferroviários que tomarão lugar nas primeiras filas dos fauteils.

A's 12 horas — Lunch às crianças, executando durante este acto as duas bandas alguns números do seu repertório, arbrilhando a festa.

A's 13 horas — Recepção pelos representantes do Sindicato e da Casa dos Ferroviários e pelas crianças, na esplanada, aos conferencistas Cristiano de Carvalho e Nogueira de Brito, aos delegados da Organização Operária e a todos os camaradas e amigos dos Ferroviários para esta festa convidadas.

A's 14 horas — Sessão solene e de propaganda, usando da palavra os representantes dos organismos operários e outros oradores.

Conferência pelo ilustre artista português, Cristiano de Carvalho.

A's 20 horas — Conferência sobre *O teatro e a arte*, pelo ilustre jornalista e distinto crítico teatral, Nogueira de Brito, precedendo o espectáculo.

A's 21 horas — Espectáculo com uma interessante peça de grande efeito artístico, pela companhia de artistas de Lisboa, Luz Veloso — Rafael Gomes. Trabalho surpreendente de Luz Veloso.

O espectáculo é arbrilhado por uma orquestra expressamente constituída para este fim.

A lunch às crianças será oferecido no palco, servido por senhoras das famílias dos ferroviários. Neste número da festa podem tomar parte todas as crianças filhas dos ferroviários, até 14 anos.

A assistência ao lunch e à sessão solene e de propaganda é pública. A's senhoras e às crianças que as acompanham pertencentes aos ferroviários, serão reservados os camarotes e todo o espaço das galerias. A plateia será ocupada indistintamente.

O produto do espectáculo destina-se a cobrir a despesa da festa e o saldo que restar reverterá a favor da "Caixa de Solidariedade Federal".

Classes que reclamam

Ferroviários da C. P.

Tem reunião na respectiva sede, por secções de serviço, como preparação da reunião magna que vão efectuar brevemente, para analisarem devidamente a situação moral e económica da classe e tomar as resoluções no sentido das suas reclamações serem satisfeitas, os ferroviários da C. P.

Nas referidas reuniões tem a respectiva comissão de melhoramentos exposto o resultado das suas *démarches*, resolvendo o pessoal dar-lhe toda a força que a mesma carece para o conseguimento dos seus desejos.

Tem sido igualmente ventilada a questão dos reformados, protestando-se contra a atitude da Companhia que está cercando a reforma áqueles que lhe deram o melhor do seu esforço e saúde.

O horário de trabalho continua a ser defendido pela classe e a circular que o sindicato distribuiu prevenindo a classe dos desejos da Companhia em sofrer mais aquele den dos resultados accedidos.

Tanto esta questão como a dos reformados serão tratados na assembleia magna que deverá realizar-se nos princípios do mês que vem.

Agremiações políticas

Núcleo de Juventude Comunista de Lisboa — Comissão executiva.

Reúne hoje, pelas 21 horas, para apreciar assuntos de importância para a vida do Núcleo e ainda outros sobre a vida dos comités de oficina.

VIDA ANARQUISTA

Grupo Libertário "Amigos do Bem" — Reúne hoje, pelas 21 horas, para tratar de assuntos que se prendem com a situação dos presos, devendo comparecer um delegado do grupo "Lealdade".

AVISO

Participa-se a todos os camaradas que se realizam no domingo o sorteio duma espingarda de dois canos, a qual coube ao bilhete n.º 1821 a 1830.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Para ultimar trabalhos a apresentar ao conselho confederal, reúne hoje, às 19 horas.

Conselho Confederal

Reúne hoje, às 21 horas, para, além dos trabalhos pendentes, se ocupar do aumento da cota confederal, remodelação das cadernetas e situação de "A Batalha". A transcendência dos assuntos impõe a representação de todos os organismos.

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne ontem e apreciará vários expedientes e entre este um ofício do Sindicato dos Operários Confeiteiros e Pasteleiros, comunicando a sua deliberação de greve em prol do aumento de salário, resolvendo-se que na acta se consignasse um voto de saudação a esta classe pelo seu gesto.

Apreciou ainda as várias tentativas feitas pela Companhia das Águas no sentido de se aumentar o preço da água a pretexto de obras que pretende fazer, resolvendo levar ao próximo Conselho uma nota oficiosa para se publicar.

Resolveu ainda exortar todos os sindicatos de Lisboa a que continuem abrindo queles para os mineiros de Aljustrel.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.

— Conselho federal. — Na reunião ontem realizada foram tomados na devida consideração os ofícios enviados pelos Sindicatos de Almada e Orlão, comunicando assuntos que dizem respeito ao desenvolvimento da organização operária. Foi aprovado o parecer da comissão revisora de contas do 3.º trimestre, que acusa um deficit na importância de 4'720\$37 e nomeados delegados a uma sessão promovida pela secção profissional dos Pintores que hoje se realiza, e à festa comemorativa do aniversário do Sindicato do Pessoal do Sul e Sueste e da inauguração da Casa dos Ferroviários, que terá lugar no próximo domingo no Barreiro.

União Textil. — Reuniram os corpos gerentes para continuação dos seus trabalhos. Foram admitidos novos sócios, constando-se que bastantes operários da indústria se têm inscrito o que consolida sobremaneira. As reuniões são às terças-feiras, na sede, rua Paulo da Gama, 6, 1.º, Belém, e a correspondência pode ser dirigida para a rua de Pedrouços, 24, casa do tesoureiro. Deliberou-se organizar um novo regulamento interno que estabeleça algumas vantagens aos associados. Para os presos por questões sociais e tecelões de seda em greve, foram recebidas as seguintes quantias: Fábria Vila Mar, 10\$00; Ferrer, 11\$00; Estrêla, 7\$50; Dafundo, 3\$00.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. — Segundo deliberação

da assembleia geral do dia 3 do corrente, mais uma vez este sindicato convida todos os camaradas que estejam em atraso na sua cotização, a porem-se em dia até ao fim do mês corrente, ficando, áqueles que o não façam, incursos no artigo 3.º dos estatutos.

Descarregadores de Mar e Terra.

— Esta classe, reunida em assembleia geral extraordinária, entre outros assuntos, como o de umas afirmações feitas por Carlos Vaz, que as não provou, apreciou largamente o pedido de demissão da direcção e dos empregados, que alegam não poderem cumprir o seu mandato de desenvolvimento do sindicalismo e interesse da Associação, pelo facto de alguns sócios se investirem numa autoridade que só aos membros da mesma compete, chegando até a ameaçar; reprovou tal pedido, rectificandolhe todos os poderes, e resolveu que esses indivíduos sejam rigorosamente punidos. Aproveitou também um regulamento de penalidades para que de futuro casos idênticos se não repitam, sendo este regulamento distribuído a todos os sócios. Mais resolveu, que um grupo de sócios do Terreiro que até à data não têm querido ingressar na Caixa de Socorros da Associação, a fazerem o no prazo de oito dias, findo os quais, serão postas em prática as sanções dos estatutos e que deste caso se dê conhecimento à Federação Marítima.

CONVOCAÇÕES

Federação Metalúrgica.

— Para tratar assuntos que requerem imediata solução, reúne amanhã, pelas 19 horas, a comissão administrativa, com a participação do secretário administrativo demissionário.

O conselho de delegados reúne, pelas 21 horas, para apreciar um ofício de Braga, e leitura e apreciação do relatório dos delegados ao Congresso Operário Nacional.

Compositores Tipográficos.

— Reúne hoje, pelas 17,30 horas, a comissão administrativa.

Porque motivo os comerciantes fizeram greve

Um pouco de tudo para todos!

Como eles entendem a luta contra os impostos do Estado—Clara elucidação da maneira como os negociantes intrujam o respeitável público

Como a greve dos comerciantes ainda não se realizou, a comissão labial dos comerciantes impenitentes, não achamos fora de propósito o referirmo-nos, ainda que brevemente, às mistificações e peripécias das honradas actividades e retalias desta nossa lealíssima praça.

A mencionada greve dos negociantes fez-se porque os da pequena escala quiseram apagar o golpe vibrado pela grande, os últimos dos quais se referiam sobre o preço da farinha, e todas as diferenças resultantes das transacções. E depois, falha esta tentativa, grandes e pequenos creíam irmanar-se num só corpo e impedir que as suas escritas se dessem desvanece pelos fiscais do Estado, e que se não venha a saber o escândalo montante das suas roubafeiras, e as facilidades que existem para saltar as parcelas... Os fiscais, no início de alguns comerciantes, devem receber a tiro—princípio revolucionário de 93 adoptado contra os condutores de impostos...

E todavia, onde a fiscalização sobre devia incidir era sobre a adulteração dos géneros, sobre as «lotações» e «misturas», contra as quais os srs. negociantes ainda se não lembraram de fazer uma greve, mesmo de braços caídos...

Já falámos no género bacalhau que, em bolandas, anda de armazém para armazém, a desfazer-se aos poucos. Hoje, porém, vamos «entrar» nas lojas de chá e café, bem disseminadas pela cidade e onde, para efeitos de concorrência e de arrecadação de maiores lucros, se segue perfeitamente o mesmo sistema usado nos entrepostos bacalhaufeiros.

Nestas lojas, parte fornecedoras do público, parte retalhistas, costuma-se fazer as chamadas «lotações», que quer dizer caldear, misturar qualidades superiores com qualidades inferiores, alhos com bugalhos, para todos os paladares e para todos os preços, iludindo-se e roubando-se mais facilmente o público pacífico. E preciso saber-se que em muitas lojas de café também se vendem outros artigos de mercearia.

Assim, por exemplo, a canela é quase sempre caldeada, na proporção de 50%, com «mistura de canela», que é uma mistura parecida com pó de tijolo finíssimo... Há umas potelhas que no mercado são conhecidas por «misturas» e que se aplicam a diversos géneros alimentícios...

Temos, pois, a «mistura de pimenta branca», que é uma farinha branca e pesada, parecida com amido ou caulino; a «mistura de pimenta preta», de

farinha idêntica mas mais pardacenta; a «mistura de cominhos», uma espécie de gengibre; e a «mistura de cravo», assim uma coisa igual ao serrim de pau preto remoldado...

Os preços actuais destas misturas, próprias para temperos, regulam de 9500 a 12500 o quilo. Quanto aos custos, há sete misturas, cujas composições orgânicas os próprios negociantes ignoram, oscilam entre 350 a 1450...

As lotações do café, variam consoante os caprichos dos comerciantes e conforme as leis da concorrência desleal de determinado. Pelo menos, há sete números de lotações. A n.º 1, ao preço de 3550 o quilo—estes preços são só para os revendedores—compõe-se de 70% de cevada, 20% de chicória e 10% de café Angola; a n.º 2, a 4500, é feita de 50% de cevada, 30% de chicória, 10% de café Angola e 10% de café Rio; a n.º 3 a 4550, é adulterada com 40% de cevada, 35% de chicória, 20% de café Angola e 5% de café Rio; a n.º 4, a 5550, mistura-se com 35% de cevada, 30% de chicória, 25% de café Angola e 10% de café Rio.

A n.º 5, o quilo a 6500, falsifica-se com 20% de cevada, 30% de chicória, 40% de café Angola e 10% de café Rio; a n.º 6, a 6550, mistura-se com 20% de chicória, 50% de café Angola e 30%

A BATALHA

NA PROVÍNCIA

NOS ARREDORES

Vila do Conde

20 DE NOVEMBRO

Pela construção civil

Passou no dia 15 do corrente o 13.º aniversário da Associação de Classe da Construção Civil, hoje constituída em Sindicato Único, tendo sido comemorado com uma sessão de propaganda, a qual esteve regularmente concorrida por componentes da classe.

Falaram nessa sessão José Gomes Amil e Redolfo Teixeira, que fizeram ouvir aos seus companheiros de trabalho e de sofrimento a significação histórica daquela data e o valor moral e material do Sindicato, aconselhando os trabalhadores a frequentar a assiduidade e a manterem-se sempre unidos e solidários, através da luta de classes, porque só assim serão um facto, num futuro próximo, a integral emancipação dos trabalhadores e o advento duma sociedade mais perfeita e justa, na qual toda a humanidade tenha iguais direitos e deveres, seja livre e feliz.

Terminou a sessão com vivas à organização operária, à C. G. T. e à A. B. A. — C.

Vendas Novas

21 DE NOVEMBRO

O pão mais caro

Os artigos de primeira necessidade aumentam no preço de dia para dia; ora foi o pão, que de 95\$ passou para 190\$ cada quilo, com início na loja do sr. F. Norte.

«Os salários? Esses não há razão para subirem porque os trabalhadores anham muito...», dizem os comerciantes e os patrões; mas a miséria alastra em muitos lares por motivo do enorme agravamento do custo da vida, afirmam os nós. E em presença de tudo isto, que mais nos revolta não é o dizer aqueles, mas sim a encêrnia e a crimiçosa cobardia de um povo que tudo aceita sem o mais pequeno esboço de protestos. E... na maior parte dos casos condenando ainda aqueles que, possuídos de um espírito algo combativo, ousam falar em tal.

As eleições

Realizaram-se no passado dia 12 as eleições camarárias. Bom seria que os nossos camaristas visitassem esta vila, aquirindo das suas necessidades mais mediatas, visto que é a freguesia que mais rendimento dá para o cofre do concelho, (a custa dos que trabalham, é claro) mas se cá viessem e andarem dorada noite, mandem primeiro petróleo para a iluminação das ruas, para evitarmos de cair sobre algum monte de lixo ou algum pântano de dejectos. Toda a família é pouca... Não fazemos igual recomendação aos membros da junta, porque esses conhecem melhor as ruas e sabem de que modo passar sem novidade de ânimo, mesmo às escuras... — C.

ABASTECIMENTOS

O trânsito do azeite

Afim de evitar que o azeite se acumule nos concelhos produtores ou transite para localidades onde a sua necessidade não seja absoluta, foi determinado pelo Comissariado dos Abastecimentos que os concelhos deficitários em azeite sejam passados pelas comissões de abastecimento local, credenciadas aos comerciantes devidamente matriculados para estes poderem fazer as suas compras.

O azeite adquirido por esses comerciantes só poderá transitar com autorização das comissões dos concelhos onde seja feita a compra e terá que ser expedido à consignação das suas congêneres dos concelhos para onde for dirigido.

O azeite nestas condições não poderá tornar a sair das localidades e terá que ser aplicado no consumo público.

Estas disposições são extensivas a todo o país, devendo por isso os comerciantes de Lisboa e Porto munirem-se das referidas credenciais que, quanto a Lisboa serão passadas pelo comissariado e ao Porto pelas comissões dos respectivos bairros da cidade.

Armazéns Reguladores

Pelo Comissariado dos Abastecimentos vão ser em breve distribuídas as novas cartas de consumo para abastecimento pelos Armazéns Reguladores.

A caderneta indicará o armazém, o dia e a hora em que o seu portador se poderá fornecer de géneros.

Esta forma de servir a público tem sido ulteriormente adoptada a título de experiência.

Leilão de relógios de ouro

Nos dias 27 e seguintes deste mês, pelas 11 horas, por conta da Administração Geral dos Correios e Telégrafos, realiza-se na 5.ª Divisão dos Correios, Rua de Santa Marta, 179, r/c, leilão de 33 relógios de ouro, para uso de homens e senhoras, novos e com marca de garantia, segundo as condições patentes na referida Divisão.

Em 20 de Novembro de 1922. O chefe da divisão, Francisco Mendes.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

Por determinação do seu autor, a peça histórica de Luna de Oliveira, Lusitânia, passou a denominar-se A Montanha, sendo o primeiro original português a pôr em scena no Nacional.

— Conforme tinham previsto, o teatro Foz esteve ontem a abarrotar e tam grande foi a enchente que não cabia um afilante na plateia. Conte-se agora a gente que ficou sem bilhete e a que hoje não querera deixar de ali ir e pode afirmar-se que outra colossal enchente terá o celebrado Aros Dóce, a peça mais divertida da actualidade.

— O elegante cinema Olimpia faz passar hoje no seu écran um dos mais fulgurantes «films» que tem vindo ao mercado português *Pera humana*, seis luxuosos e dramáticos actos. Além disso exhibe-se também *O Az e os Aspectos de Portugal e tipos das nossas mulheres*.

O concerto tem no programa partituras dos melhores compositores, executadas pelo magnífico sexteto dirigido pelo artístico J. Bonel.

Reclames

No Nacional inauguram-se hoje as recitas da moda, com a 6.ª representação da encantadora e brilhante peça de Oscar Wilde, *O Leque de Lady Margarida*, versão livre de Júlio Dantas, que está tendo um sucesso verdadeiramente sensacional.

Hoje, no Apolo, em recita dedicada aos seus autores Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa, completa 50 representações a sua revista-fantasia *Cigarro Brejeiro*, cujo êxito tem sido verdadeiramente grandioso.

A peça apresenta várias novidades e atrações, o que mais lhe aumenta o interesse, tudo concorrendo para que o espectáculo desta noite, no Apolo, se passe entre o maior entusiasmo.

— Em toda a parte onde se conversa em assuntos teatraes, não se fala senão no *Tratado Secreto*, a famosa peça que o Eden tem em scena. Todos a elogiam, classificando-a de verdadeiramente interessante, louvando a forma como os autores imaginaram o entredo, que é repleto de imprevistas situações.

— Novamente esgotou ontem a lotação, o Teatro Avenida, com a alegre e espirituosa farça *Camá, Meza e Roupa Lavada*, na qual Chaby, no impagável Aarão, é dum cómico irresistível, e Cre-

DESPORTOS

Liga Futebol Operária

Reunindo no dia 20 do corrente os delegados dos clubs existentes na Liga, foi resolvido proceder à nomeação dos corpos gerentes efectivos, visto a direcção transacta ser provisória. Coube a eleição aos desportistas dos seguintes clubs:

Presidente, José Pereira Marta, do Grupo Futebol Nacional; Vice-presidente, Alfredo Ferreira, do Rio Seco Sporting Club; Tesoureiro, Artur Pereira Pinto, do Boa Hora Futebol Club; 1.º Secretário, Luís da Silva Lobo, do Peninsular Futebol Club; 2.º Secretário, Francisco Simões, do Oriental Futebol Club; 1.º vogal, Manuel da Silva, do Grupo Sport Alentejano; 2.º vogal, Carlos Rodrigues, do Estrangeiro Futebol Club.

Como ficasse de initivamente a Direcção constituída, foram aprovados os seus regulamentos e resolvido abrir o seu primeiro Campeonato no dia 3 de Dezembro, em 3.ª e 4.ª categorias, sendo disputadas duas artisticas taças que serão entregues aos vencedores.

Previne-se todos os clubs ainda não inscritos, que a inscrição fecha no dia 25 do corrente, encontrando-se aberta na sede provisória, rua do Bocado, n.º 9, 1.º, Lisboa, todos os dias úteis, das 19 às 21 horas.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal-Auto, dadas que não se desfazem e dão boa fiação, dadas 531, isqueiros, rodas e peças e acessórios, tubos, molas, pipsos e tampões.

Único depósito que fornece para revenda.

CARLOS A. SANTOS

Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

CALENDRÁRIO DE NOVEMBRO

HOJE O SOL

Q. 1 8 15 22 29

Q. 2 9 16 23 30

S. 3 10 17 24

S. 4 11 18 25

D. 5 12 19 26

D. 6 13 20 27

T. 7 14 21 28

HOJE O SOL

Aparece às 7,27

Desaparece às 17,19

FASES DA LUA

L. C. dia 4 às 18,35

Q. M. 12 7,52

L. N. 19 0,05

Q. C. 26 8,15

MARÉS DE HOJE

Pratamar às 5,36 e às 17,58

Baixamar às 11,06 e às 23,28

CAMBIOS

Países

Moedas

Ao par

Comp. Venda

Ontem

Alemanha

Marcos

455

5 1/2

5

Austria

Coroas

113,1

—

—

Belgíca

Francos

117,8

1685

1469

Espanha

Pescetas

117,8

5958

5,650

E. U. A.

Dólares

892,1

23408

23,728

Francia

Francos

117,8

1163

1744

Holanda

Florins

437,2

9085

9130

Inglaterra

Libras

469

1109,0

1154,0

Italia

Liras

117,8

18071

18101

Suica

Francos

117,8

4 5/1

4541

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos

Dias

Orion, Tenger, Malta, Alexandria, Jaffa, Haifa e Beyrouth

25

Neptuno, Oran, Patras, Veneza, Trieste e Bari

26

Triton, Alger, Pireu, Salonica, Smirna, Constantinopla, Bangos, Varna e Constança

28

Volubilis, Casa Branca

28

Usarama, postas da Africa Oriental Portuguesa

28

Poelje, portos do Brasil

28

General Belgrano, Vigo e Hamburgo

28

Governor, Natal, Lourenço Marques e Beira

21

Braga, Beyrouth, Jaffa e Marselha

27

Flandria, Leixões, Vigo, Cherbourg Southampton e Amsterdam

28

Hildbrand, Pará e Manaus

30

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

AQUÁRIO VASCO DA GAMA, — De todos os dias, das 10 às 16, 30 centavos.

ARQUEOLÓGICO, — Largo do Carmo, — Todos os dias das 10 às 16, 30 centavos.

ARTILHARIA, — Largo do Museu da Artilharia, — Todos os dias úteis, das 10 às 18.

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA, — Rua do Arco a Jesus, — Todos os dias úteis, das 10 às 16, com licença.

COLONIAL E ETNOGRÁFICO, — Rua Eugénio dos Santos, — Aos domingos, das 10 às 18.

ETNOLOGICO PORTUGUES, — Edifício dos Jerónimos, Belem, — Todos os dias úteis, das 12 às 16.

GEOLOGICO, — Rua do Arco a Jesus, 29 Academia das Ciências, 2.º pavilhão.

JARDIM ZOOLOGICO, — Exposição permanente.

JOSE VICENTE BARBOSA DO BOCA, — Escola Politécnica, — Quintas-feiras das 12 às 16.

NACIONAL AGRICOLA, — Tapada da Ajuda.

MISERICORDIA, — Largo da Trindade Coelho, — Último domingo do mês, às 15.30.

NACIONAL DE ARTE ANTIGA, — Rua das Janelas Verdes.

NACIONAL DE COCHES, — Praça Afonso de Albuquerque, — Todos os dias úteis, das 12 às 17.

NACIONAL DE MARINHA, — Largo do Chafariz, 23-A, — Terças e domingos, A's segundas, 20 centavos.

Ver esta secção na 4.ª página

Alster Hotel Restaurant

(Trafaria)

Proprietária: B. J. FELSSENHAUER

SERVICO PERMANENTE DE

Almoços, jantares, lanches e ceias.

Quartos confortáveis e higiénicos

«O CONGO»

Vai ser rebocado para Marselha

Na Companhia Nacional de Navegação, foi ontem recebido um telegrama comunicando que o vapor «Gongor» freado por aquela Companhia aos T. M. E. e que havia perdido a hélice a 50 milhas de Marselha, vai sendo rebocado pelo vapor «Grace Field» para aquele porto, onde deve chegar hoje de manhã.

«Os Miseráveis»

de VICTOR HUGO

ACABA DE SAIR

Assinaturas a tomos semanais a 50 cent.

Pedidos à livraria «Renascença»

JOAQUIM CARDOSO L.da

R dos Poiais de S. Bento, 27, LISBOA

Arsenal da Marinha

O capitão-tenente engenheiro construtor naval, sr. Silvério de Sousa Mendes, publicou e ofereceu à Biblioteca da Direcção das Construções Navais, uma memória sobre Curvas Integraes e sua aplicação, cujo valor científico é muito apreciável.

Gama

GRANDE VARIEDADE

DE

Bilhetes, frações e cautelas para todas as

LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais 20 para registro

Fornecer para revender

TELEFONE 4.020 NORTE

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

R do Amparo, 51-Lisboa

LEILÃO

No dia 24 do corrente, pelas 11 horas, realiza-se na 5.ª Divisão dos Correios, Rua de Santa Marta, 179, r/c, leilão de encomendas postais, papel inutilizado e outros artigos.

Em 20 de novembro de 1922. O chefe da Divisão, Francisco Mendes.

Uma chávena de cacau da

S I C

vale mais como alimento, que 5 chávenas de café, e não é prejudicial à saúde como este.

ÉMILE ZOLA

TRABALHO

—Sim, senhor Lucas, houve aí uns ridos partidos, mas eu não posso afirmar que fosse por causa do vento. E certo que quando o vento sopra da planície, nós apanhamos uma boa parte dele...

Tremia-lhe a voz, não poudes reter duas grossas lágrimas. O Ragu é que, de manhã, num arrebatamento, tinha partido os vidros, querendo deitar tudo pela janela fora.

—Como, Joséine! Chora? Vamos, fale, confesse tudo. Bem sabe que sou seu amigo.

E Lucas sentira-se junto dela, muito comovido, partilhando os seus pesares. Mas já ela tinha enxugado as lágrimas.

—Não, não, isto não é nada. Peguei-lhe perdão, veio encontrar-me num momento mau, a ponto de não ser razoável e estar a afligir-me.

Em vão se debateu; o mancoço fê-la desabar. O Ragu não se acimatava

neste meio de ordem, de paz, de esforço lento e contínuo para uma existência melhor. Parecia ter a nostalgia da miséria, do sofrimento, desse salaríio em que tinha vivido, berrando contra o patrão, mas afeito às cadeias da escravidão, consolando-se na taberna, na bebedeira, numa revolta de palavras impotentes. Tinha saudades das oficinas escuras e imundas, da guerra surda com os chefes, das bulhas com os camaradas, de todos esses abomináveis dias de ódio que acabavam em casa à pancada na mulher e nos filhos. E, tendo começado com piadas, acabava em acusações, tratava a Crêcherie por grande caserna, por prisão em que se não tinha liberdade alguma, nem mesmo a de beber uma pinga de mais, se houvesse gana. Até o presente, na Crêcherie não se ganhava mais que no Abismo, e estava-se com toda a casta de cuidados, com a inquietação de que as coisas não mar-

chassem bem, de que não houvesse nada a receber, no dia da partilha dos lucros. Assim, havia dois meses, corriam os mais ruins boatos, temia-se que naquele ano se tivesse de fazer cruces na boca, por causa da compra de novas máquinas. Sem contar que os armazéns cooperativos funcionavam quasi sempre mal: mandavam às vezes batatas quando se tinha pedido petróleo; ou então davam-se esquecimentos, tinham-se de ir tres vezes ao escritório de distribuição para conseguir ser servido. E ele fazia escárnio, zangava-se, tratava a Crêcherie de imunda caranguejola, de onde esperava safar-se, logo que pudesse.

Fez-se penoso silêncio. Lucas tornara-se sombrio, porque havia alguma verdade no fundo daquelas recriminações. Eram os rangidos inevitáveis da máquina ainda nova. E, sobretudo, os boatos que faziam correr, as dificuldades do ano, afectavam não tanto mais quanto receava ser com efeito forçado a pedir certos sacrificios aos operários, para não comprometer a prosperidade da casa.

—E o Bourron grita com o Ragu, não é assim? perguntou ele. Mas nunca ouviu queixar-se o Bonnaire?

Com um sinal de cabeça, Joséine respondia negativamente, quando, pela janela aberta, se ouviram as vozes das três mulheres que tinham ficado no passeio. Devia ser a Pitorra que se lamentava, que se esganava na sua continua necessidade de se encolizer e morder. Embora o Bonnaire se ca-

lasse, como homem reflectido, cuja razão consentia nas longas experiências, a mulher d'ele bastava para amotinar todas as bisbilhoteiras da pequena povoação nascente. E Lucas tornou-a a ver, desolando a mulher do Fauchard, anunciando a ruína da Crêcherie.

Então, Joséine, tornou-lhe lentamente, não é feliz?

Ela quis protestar outra vez.

—Oh! senhor Lucas, como não hei de ser feliz, se tem feito tanto por mim?

Mas as forças traíram-na, duas grossas lágrimas reapareceram nos seus olhos, correram-lhe pelas faces.

—Bem, você não é feliz.

—Não sou feliz, é verdade, senhor Lucas. Sómente, contra isto não pode o senhor nada, não é culpa sua. O senhor tem sido para mim um bom deus e que fazer? se não há nada que logre mudar o coração desse desgraçado...

Ele está outra vez mau, já não suporta o Nanet, quasi que ia quebrando tudo esta manhã, e bateu-me, porque o pequeno, dizia-lhe, lhe respondia mal...

Deixe-me, senhor Lucas, suas coisas que só me dizem respeito a mim, e eu prometo-lhe afligir-me o menos que eu puder.

A sua voz era cortada de soluços, trêmula, quasi indistincta. E ele, impotente, sentia-se invadido dum tristeza cada vez maior. Toda a sua manhã cheia acabava de ser obscurecida por uma voz que gelava por um só pro de dúvida, de desespero, ele tão corajoso, cuja esperança alegre fazia a sua força. Quando as coisas obedeciam

rare, juro-lhe, e esperaria ainda que fosse toda a minha vida.

Era como um compromisso, uma troca de promessas, na esperança da fidelidade por vir. Ele puzera-se em pé tomara-lhe as mãos, que apertava; e sentiu-a a apertar-lhe também as suas; e não houve entre eles mais que esta ternura, esta união de alguns segundos. Que simples existência de paz e de alegria se teria passado na pequena casa de jantar, de móveis de pinho envernizado, tão alegre e tão aseedado!

—Até mais ver, Joséine.

—Até mais ver, senhor Lucas.

Então, Lucas recolheu a casa. E seguia o terrço, por baixo do qual passava a estrada das Combettes, quando um último encontro o deteve um instante. Acabava de avistar, costeando os terrenos da Crêcherie, o senhor Jerónimo, no seu carrinho, que um criado do Impelia. Esta aparição trazia-lhe à memória outras, aparições repetidas, aqui e ali, desse velho enfermo naquele carro, sobretudo a primeira, aquela em que o tinha visto passar de frente do Abismo, observando com os seus olhos claros as edificações fumosas e ruidosas da fábrica, onde tinha fundado a fortuna dos Quirignon. E passava agora de frente da Crêcherie, examinava as suas edificações novas e tão alegres ao sol, com os mesmos olhos claros, que pareciam vagos. Porque clário se tinha feito rolar até ali, dando a volta, como para um exame completo? Que pensava ele, que julgava ele, que comparação queria ele estabe-

lecer? Talvez não fosse senão o acaso dum passeio, o capricho dum pobre velho recaído na infância. E entretanto que o criado tinha afrouxado a andadura, o senhor Jerónimo erguia a sua face larga, de grandes feições regulares, emoldurada em longos cabelos brancos, o ar grave e impassível, examinando tudo, não deixando passar nem uma frontaria, nem uma chaminé sem lhe deitar um olhar, como se tivesse querido dar conta dessa cidade nova que ali ia surgindo ao lado da casa que ele mesmo tinha criado ou trora.

Mas um incidente se produziu; Lucas sentiu aumentar a sua emoção. Um outro velho igualmente enfermo, e arrastando-se a custo sobre as pernas inchadas, vinha pela estrada, ao encontro do carrinho. Era o tio Lunot, grosso, de carnes moles e lividas, que os Bonnaire tinham conservado com eles, e que, nos dias de sol, dava de frente a fábrica certos passeios. A princípio, a vista enfraquecida, não reconheceu o senhor Jerónimo. Depois teve um sobressalto, retraiu-se, cingiu-se contra o muro, como se a estrada não fosse bastante larga para os dois; e tirando o seu chapéu de palha, curvou-se, cumprimentou profundamente. Era ao antepassado dos Quirignon, ao paião fundador, que o primeiro dos Ragu, saláriado e pai de saláriados, rendia homenagem.

(Continua)

51—Folhetim de A BATALHA

23 de Novembro de 1922

ÉMILE ZOLA

TRABALHO

—Sim, senhor Lucas, houve aí uns ridos partidos, mas eu não posso afirmar que fosse por causa do vento. E certo que quando o vento sopra da planície, nós apanhamos uma boa parte dele...

Tremia-lhe a voz, não poudes reter duas grossas lágrimas. O Ragu é que, de manhã, num arrebatamento, tinha partido os vidros, querendo deitar tudo pela janela fora.

—Como, Joséine! Chora? Vamos, fale, confesse tudo. Bem sabe que sou seu amigo.

E Lucas sentira-se junto dela, muito comovido, partilhando os seus pesares. Mas já ela tinha enxugado as lágrimas.

—Não, não, isto não é nada. Peguei-lhe perdão, veio encontrar-me num momento mau, a ponto de não ser razoável e estar a afligir-me.

Em vão se debateu; o mancoço fê-la desabar. O Ragu não se acimatava

neste meio de ordem, de paz, de esforço lento e contínuo para uma existência melhor. Parecia ter a nostalgia da miséria, do sofrimento, desse salaríio em que tinha vivido, berrando contra o patrão, mas afeito às cadeias da escravidão, consolando-se na taberna, na bebedeira, numa revolta de palavras impotentes. Tinha saudades das oficinas escuras e imundas, da guerra surda com os chefes, das bulhas com os camaradas, de todos esses abomináveis dias de ódio que acabavam em casa à pancada na mulher e nos filhos. E, tendo começado com piadas, acabava em acusações, tratava a Crêcherie por grande caserna, por prisão em que se não tinha liberdade alguma, nem mesmo a de beber uma pinga de mais, se houvesse gana. Até o presente, na Crêcherie não se ganhava mais que no Abismo, e estava-se com toda a casta de cuidados, com a inquietação de que as coisas não mar-

chassem bem, de que não houvesse nada a receber, no dia da partilha dos lucros. Assim, havia dois meses, corriam os mais ruins boatos, temia-se que naquele ano se tivesse de fazer cruces na boca, por causa da compra de novas máquinas. Sem contar que os armazéns cooperativos funcionavam quasi sempre mal: mandavam às vezes batatas quando se tinha pedido petróleo; ou então davam-se esquecimentos, tinham-se de ir tres vezes ao escritório de distribuição para conseguir ser servido. E ele fazia escárnio, zangava-se, tratava a Crêcherie de imunda caranguejola, de onde esperava safar-se, logo que pudesse.

Fez-se penoso silêncio. Lucas tornara-se sombrio, porque havia alguma verdade no fundo daquelas recriminações. Eram os rangidos inevitáveis da máquina ainda nova. E, sobretudo, os boatos que faziam correr, as dificuldades do ano, afectavam não tanto mais quanto receava ser com efeito forçado a pedir certos sacrificios aos operários, para não comprometer a prosperidade da casa.

—E o Bourron grita com o Ragu, não é assim? perguntou ele. Mas nunca ouviu queixar-se o Bonnaire?

Com um sinal de cabeça, Joséine respondia negativamente, quando, pela janela aberta, se ouviram as vozes das três mulheres que tinham ficado no passeio. Devia ser a Pitorra que se lamentava, que se esganava na sua continua necessidade de se encolizer e morder. Embora o Bonnaire se ca-

lasse, como homem reflectido, cuja razão consentia nas longas experiências, a mulher d'ele bastava para amotinar todas as bisbilhoteiras da pequena povoação nascente. E Lucas tornou-a a ver, desolando a mulher do Fauchard, anunciando a ruína da Crêcherie.

Então, Joséine, tornou-lhe lentamente, não é feliz?

Ela quis protestar outra vez.

—Oh! senhor Lucas, como não hei de ser feliz, se tem feito tanto por mim?

Mas as forças traíram-na, duas grossas lágrimas reapareceram nos seus olhos, correram-lhe pelas faces.

—Bem, você não é feliz.

—Não sou feliz, é verdade, senhor Lucas. Sómente, contra isto não pode o senhor nada, não é culpa sua. O senhor tem sido para mim um bom deus e que fazer? se não há nada que logre mudar o coração desse desgraçado...

Ele está outra vez mau, já não suporta o Nanet, quasi que ia quebrando tudo esta manhã, e bateu-me, porque o pequeno, dizia-lhe, lhe respondia mal...

Deixe-me, senhor Lucas, suas coisas que só me dizem respeito a mim, e eu prometo-lhe afligir-me o menos que eu puder.

A sua voz era cortada de soluços, trêmula, quasi indistincta. E ele, impotente, sentia-se invadido dum tristeza cada vez maior. Toda a sua manhã cheia acabava de ser obscurecida por uma voz que gelava por um só pro de dúvida, de desespero, ele tão corajoso, cuja esperança alegre fazia a sua força. Quando as coisas obedeciam

rare, juro-lhe, e esperaria ainda que fosse toda a minha vida.

Era como um compromisso, uma troca de promessas, na esperança da fidelidade por vir. Ele puzera-se em pé tomara-lhe as mãos, que apertava; e sentiu-a a apertar-lhe também as suas; e não houve entre eles mais que esta ternura, esta união de alguns segundos. Que simples existência de paz e de alegria se teria passado na pequena casa de jantar, de móveis de pinho envernizado, tão alegre e tão aseedado!

—Até mais ver, Joséine.

—Até mais ver, senhor Lucas.

Então, Lucas recolheu a casa. E seguia o terrço, por baixo do qual passava a estrada das Combettes, quando um último encontro o deteve um instante. Acabava de avistar, costeando os terrenos da Crêcherie, o senhor Jerónimo, no seu carrinho, que um criado do Impelia. Esta aparição trazia-lhe à memória outras, aparições repetidas, aqui e ali, desse velho enfermo naquele carro, sobretudo a primeira, aquela em que o tinha visto passar de frente do Abismo, observando com os seus olhos claros as edificações fumosas e ruidosas da fábrica, onde tinha fundado a fortuna dos Quirignon. E passava agora de frente da Crêcherie, examinava as suas edificações novas e tão alegres ao sol, com os mesmos olhos claros, que pareciam vagos. Porque clário se tinha feito rolar até ali, dando a volta, como para um exame completo? Que pensava ele, que julgava ele, que comparação queria ele estabe-

lecer? Talvez não fosse senão o acaso dum passeio, o capricho dum pobre velho recaído na infância. E entretanto que o criado tinha afrouxado a andadura, o senhor Jerónimo erguia a sua face larga, de grandes feições regulares, emoldurada em longos cabelos brancos, o ar grave e impassível, examinando tudo, não deixando passar nem uma frontaria, nem uma chaminé sem lhe deitar um olhar, como se tivesse querido dar conta dessa cidade nova que ali ia surgindo ao lado da casa que ele mesmo tinha criado ou trora.

Mas um incidente se produziu; Lucas sentiu aumentar a sua emoção. Um outro velho igualmente enfermo, e arrastando-se a custo sobre as pernas inchadas, vinha pela estrada, ao encontro do carrinho. Era o tio Lunot, grosso, de carnes moles e lividas, que os Bonnaire tinham conservado com eles, e que, nos dias de sol, dava de frente a fábrica certos passeios. A princípio, a vista enfraquecida, não reconheceu o senhor Jerónimo. Depois teve um sobressalto, retraiu-se, cingiu-se contra o muro, como se a estrada não fosse bastante larga para os dois; e tirando o seu chapéu de palha, curvou-se, cumprimentou profundamente. Era ao antepassado dos Quirignon, ao paião fundador, que o primeiro dos Ragu, saláriado e pai de saláriados, rendia homenagem.

(Continua)

236

